**Gravação: entrevista\_5\_weslem\_parte\_1**

**Duração: [00:36:48]**

|  |  |
| --- | --- |
| **Legenda** | **Descrição** |
| (comentário aqui) | Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas). |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde se inicia uma fala. |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza. |
| ahãm, uhum | Interjeição de afirmação, concordância. |
| hã | Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão. |
| Orador A | Não Identificado |
| Orador B | Weslem |

**Início da Transcrição [00:00:01]**

Orador A: Hoje é dia 04/01/2023. É a gravação da quinta entrevista da pesquisa intitulada Educação Vigiada: as implicações dos usos das plataformas digitais, do trabalho das professoras da educação básica de Mato Grosso do Sul, executada pela discente Yasmin Braga Teodoro, orientada pelo professor Jacó Carlos Lima, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Você autoriza a gravação da entrevista?

Orador B: Sim, autorizo.

Orador A: Em qual município atua?

Orador B: Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Orador A: Weslem, como foi pra você... como foi organizado o ensino remoto emergencial durante a pandemia do Covid 19 na escola ou nas escolas em que você atuou?

Orador B: Foi assustador o processo todo, muito... bom, primeiramente por conta da novidade de passar um home office, pelas questões de saúde, por, enfim, ter que aprender com o processo, etc. e pelos processos dentro da própria escola. Então foi uma experiência bem traumática.

Orador A: Como que foi organizado o trabalho?

Orador B: Então, no começo...

Orador A: Era uma escola só? Rapidinho.

Orador B: Era. Eu trabalhei sempre em uma escola só. E aí... bom, no começo eram duas semanas de reclusão e, enfim, depois o período se estendeu por um ano e sete meses, dois anos mais ou menos. No começo... enfim, não sabia como que a gente ia proceder em relação aos estudantes, em relação à nossa carga horária. E aí, então, nós começamos fazendo as APCs que eram as atividades programadas. Isso acontecia uma vez ou outra quando os alunos ficavam em casa, a gente enviava atividades programadas, mas a partir do momento que a gente viu que ia ter que seguir as APCs por um bom tempo, criou-se um padrão, um modelo pra que a gente pudesse seguir. E aí foi feito dessa forma. No começo, os estudantes foram avisados de que eles receberiam e-mail, essas APCs. Eu criei um e-mail pra gerenciar só essas atividades, porque eram muitos e-mails, assim. Enfim, se você não corrigisse diariamente, numa semana, a gente tinha 1200, 1300 e-mails mais ou menos.

Orador A: Quantas turmas eram?

Orador B: Eu tinha mais de 11 turmas, porque além de filosofia eu tinha umas outras disciplinas, então eu tinha 12, 13 turmas, mais ou menos. E aí cada aluno respondia um e-mail e tinha essa carga durante toda semana pra gerenciar.

Orador A: Esse e-mail era um e-mail que você criou? Não chegou ainda nesse início ser o e-mail institucional criado pela Secretaria?

Orador B: No primeiro ano foi uma organização da própria escola, então eu tomei a decisão de criar um e-mail somente pra essas atividades. E aí, como eu tenho... no período eu tinha uma carga de 40 horas, eu tinha 20 horas como professor, 20 horas como coordenador diário das ciências humanas. E como eu tinha uma maior facilidade em relação às tecnologias, eu fiquei, assim, responsável por boa parte da carga horária... da carga, na verdade, não carga horária, porque a minha carga horária se estendia. Da carga relacionada a criar pastas no Google Drive, a como mexer em ferramentas como Zoom ou Meet, o Youtube, o próprio Classroom, mas no primeiro ano foi só e-mail mesmo, mas como os professores demonstraram bastante dificuldade, assim, até em questões mais simples, como WhatsApp, para enviar anexos ou receber, para criar Word e converter pra PDF, enfim, todas essas coisas que acabaram surgindo elas foram ficando responsabilidade minha, assim. E aí a questão do e-mail institucional que foi pelo Google foi só a partir, se não me engano, a partir do segundo ano da pandemia.

Orador A: Ah, certo. E você perdeu pessoas próximas ou colegas de trabalho?

Orador B: Não perdi. Pessoas próximas a mim perderam, mas diretamente, assim... nem em trabalho e nem em família eu perdi.

Orador A: Quais foram as estratégias para manter os estudantes ativos durante o ensino remoto emergencial? Ah, uma pergunta antes. A sua escola possui grupo de WhatsApp? Se sim, como ele foi utilizado no período?

Orador B: Antes pra organizar melhor eu... assim, no começo eu já participava de um grupo do WhatsApp para escola toda, um outro só pra equipe gestora, coordenação e direção e outro pra minha área. Então, no começo, eram três grupos de WhatsApp na escola num período presencial mesmo. E aí quando as aulas online começaram, foram criados um pra cada sala e tinha um pra cada unidade curricular que eram 11. E, como eu era coordenador, eu tinha que participar de todos esses grupos, então foram 22, 25... eu tinha quase 30 grupos de WhatsApp para participar porque tinha grupo dos líderes, tem grupo de tutoria, então eram, assim, mais ou menos 29, 30 grupos de WhatsApp.

Orador A: Quais foram as estratégias utilizadas pra manter os estudantes durante o ensino remoto emergencial? Se você quiser falar da sua atuação como professor e como coordenador também, que essa parte administrativa ficou bastante na coordenação, pode relatar também.

Orador B: Então, no começo, logo que ... enfim, nós tivemos o primeiro conselho de classe online, etc., e a busca ativa... pelo menos na minha escola é uma coisa que é feita logo desde o começo dos bimestres, então ela não se inicia somente uma ou duas semanas ali antes do conselho, ela vai o ano todo, então nós tínhamos o costume de dividir as turmas para cada coordenador de área, são quatro coordenadores de ares e aí cada um ficava responsável por entrar em contato com os alunos via telefone ou WhatsApp para... enfim, pra saber como eles estavam, aqueles casos de alunos que não entregavam atividades ou que não participavam das aulas online, a gente tinha responsabilidade de entrar em contato com eles, com os responsáveis pra saber como estava se dando a situação toda. E aí as primeiras estratégias foram criar aulas online, não somente ligadas ao conteúdo, enfim, mas pra manter uma conversa mais informal com eles, outras também era entrar em contato com eles e com os responsáveis pra perguntar se eles estavam tendo alguma dificuldade com as ferramentas. E aí logo a gente descobriu que a quantidade de estudantes que não tinha acesso à internet ou que dividiam o telefone ou que, no começo, durante a pandemia, foram morar com outras pessoas, com tios, com avós... eu, na minha escola, tive casos de estudantes que foram morar no interior da fazenda, chácara, enfim, e aí nós começamos a criar duas versões pra APC, uma digital e uma impressa pra que eles pudessem ir até a escola pra buscar essas atividades de tempos em tempos pra conseguir fazer. E aí então as estratégias foram sendo essas, criar aulas online pra conversar com eles de maneira geral, essas reuniões e etc. Tinha muito contato entre os professores também. Como a gente tem tutoria, nós ficamos responsáveis por um número de alunos pra acompanhar a vida acadêmica deles. Toda vez aconteciam casos de... enfim, de problemas psicológicos, acadêmicos com os estudantes, a gente ia entrando em contato com eles. Isso ajudou a aproximar mais os estudantes, porque muitos não tinham acesso à internet e não tiveram autonomia de buscar a escola, enfim, até porque eles não sabiam muito como que ia se dar o processo de aprovação, reprovação, avaliação, etc. E aí a busca ativa também. O processo de busca ativa na minha escola é bem rigoroso assim e bem presente, então isso ajudou a trazer eles de volta pra escola, vamos dizer assim.

Orador A: Você falou um pouco, mas se você puder retomar com a pergunta que é quais foram as estratégias para manter os estudantes durante o ensino remoto emergencial.

Orador B: Tá. Então, foi um pouco complicado, assim, porque nós tivemos que reduzir bastante as expectativas em relação ao elemento acadêmico dos estudantes. Logo no começo, assim, eles já começaram a descobrir algumas estratégias pra conseguirem, enfim, passar por isso. Por exemplo, teve caso de uma professora que não tinha muita familiaridade com o classroom, e aí ela imaginava que toda vez que ela recebesse um e-mail ou uma notificação do estudante era porque ele tinha feito a atividade. E aí então ela marcava essas atividades como feitas e avaliava eles por isso. Só que aí eles logo descobriram que se eles retornassem as atividades, mesmo não fazendo elas, os professores recebiam e-mail, notificação, etc., e aí logo a gente foi descobrindo isso e aí nós tínhamos que abrir as atividades, ver se de fato eles tinham feito ou não, enfim. Eles também descobriram uma série de sites que fazia... que respondia as perguntas feitas pelos professores. Tem sites que fazem assim, que eles pegam palavras sinônimas de um texto e reconstroem o texto e aí eles faziam muito isso. Como eu tenho uma proximidade maior com eles, eles me contavam quando eles voltaram pro presencial que eles faziam uma série de atividades por meio desses esquemas. E aí eu, principalmente, a minha estratégia foi abrir... claro que, muitas vezes, assim, alguns três ou quatro alunos que de fato apareciam nessas aulas online que eu promovia, muitos não abriam a câmera, enfim, mas eu procurei, assim, primeiro reduzir bastante a minha expectativa acadêmica em relação a eles, porque era um clima de apocalipse. A escola, eu imagino, era uma das últimas preocupações que eles tiveram, até porque depois no presencial eles me contaram que perderam pai, mãe, tios, primos, etc., por conta da Covid. E aí a minha estratégia foi abrir essas aulas online, mesmo que tivessem somente dois, três alunos, eu ficava ali por um tempo conversando com eles. Nas APC que eu enviava, eu sempre colocava recados, perguntando como eles estavam.

Orador A: Nesse caso, as APC você envia pelo WhatsApp, impressas e pelo Google sala de aula?

Orador B: Sim. Alguns alunos não tinham acesso nenhum à internet, então eles pegavam ela impressa. E a nossa responsabilidade era fazer uma APC que poderia ser impressa, uma online e aí uma delas ia para o Classroom, para alunos que tinham e-mail e sabiam mexer, enfim, e também enviava nos grupos de WhatsApp para aqueles que não ou não tinham e-mail institucional por conta de algum problema, enfim, ou porque não sabiam mexer com ele mesmo, então eu fazia uma APC em três etapas. E aí, além disso, colocava alguns recados nas APC, criei playlist no Youtube com músicas, assim, com músicas mais calmas pra caso eles quisessem ouvir, etc. Enviava alguns textos, etc. Alguns alunos, assim, depois no presencial, anos depois e tal, eles me contaram que aquilo foi importante pra alguns deles, que aquilo foi de auxílio, ajudou, etc. E aí eu sempre pedia pra que eles, caso não quisessem abrir a câmera, que pelo menos eles falassem por áudio como que estava sendo. Eu atendi um aluno por WhatsApp pra conversar e pra saber como estavam e tal, então surtiu efeito em alguns casos. Pelo menos eu adotei essa estratégia durante a pandemia.

Orador A: Como que foi o gerenciamento do seu tempo?

Orador B: Ah, foi um caos. No primeiro ano principalmente, depois por conta da chegada dessas ferramentas a gente conseguiu organizar melhor. Até hoje eu utilizo o WhatsApp Business só pra escola, então ali eu coloco um tempo determinado pra receber resposta. Depois do horário da escola eu não respondo mais, mas no primeiro ano da pandemia principalmente era o tempo todo. Às vezes eram seis horas da tarde, dez horas da noite, cinco horas da manhã, então foi realmente, assim, um caos. Até porque, como a gente passou muito tempo em casa, é como se fosse período de férias só que sem as férias, a gente perde um pouco a noção do tempo, então muitas vezes a gente estava ali respondendo aluno fazendo uma atividade já era nove horas da noite. E aí a gente tinha que, enfim, cortar, etc., mas pelo menos aqui em casa a gente tinha possibilidade custear tratamento psicológico mesmo, então isso ajudou também a gerenciar melhor a saúde mental e o tempo. Aqui em casa são dois professores, então um entendia totalmente o outro, e é mais fácil, assim, mas no começo não tinha gerenciamento de tempo, era com o celular o tempo todo. Às vezes almoçando a gente parava pra responder uma coisa ou outra. Ia dormir duas, três a manhã pra conseguir organizar as coisas. Eu recebi muita ligação enquanto eu estava dormindo, então tinham pessoas que acordavam bem mais cedo do que eu e com essa ansiedade de conseguir dar conta das coisas e aí entrava em contato comigo pra eu auxiliar e tal. Então, no começo, não teve gerenciamento de tempo. A gente aprendeu a gerenciar o tempo, até porque na escola o tempo é uma gestão próxima. A gente sabe a hora que chega, a hora que almoça e a hora que sai, pronto. Em casa a gente não tem isso.

Orador A: Como você avalia, Weslem, o processo de expansão do uso das tecnologias de informação e comunicação, especialmente a utilização das plataformas digitais na educação básica?

Orador B: Sempre tentei enxergar com bons olhos, assim, o advento da tecnologia na educação, até porque imagino que não há mais como separar uma coisa da outra. E aí eu vi que ela foi muito importante nesse período da pandemia e foi importante também chegar como que ela é presente, como que nós não conseguimos fazer muitas das coisas que a gente precisa fazer por conta da tecnologia, se não fosse por ela. Só que a grande questão é sempre essa, o uso que nós fazemos da tecnologia. E aí a grande questão é que, pelo fato da tecnologia ser excludente, e na escola nós percebemos isso muito claramente, porque os alunos que não tinham acesso à tecnologia dividiam o mesmo celular com o irmão, etc., eles ficaram cada vez mais pra trás, vamos dizer assim. E aí a crítica que eu faço é... principalmente as instituições, assim, a Secretaria de Estado, enfim. Eles perceberam que a tecnologia pode ser mais barata do que o ser humano, vamos dizer assim, então é muito melhor resolver coisas por e-mail do que marcar uma reunião ou é muito mais fácil enviar o material do que prestar uma formação continuada. Então mesmo depois do retorno das aulas presenciais, algumas coisas que eram feitas antes presencialmente continuaram sendo feitas tecnologicamente, então algumas formações continuadas, por exemplo, continuam sendo pelo Meet ou por uma live no Youtube, porque pra eles, enfim, foi mais lucrativo.

Orador A: Eu vou retomar essa pergunta pra você me explicar mais pra frente. Você sabe como aconteceu a parceria da Google com a Sede?

Orador B: Olha, exatamente não. O que a escola diz para nós é que a Sede, enfim, investiu nessa ferramenta, que o Google ofereceu. Existem esses pontos de vistas, um que o Google ofereceu gratuitamente pra escola, um outro que a Sede investiu dinheiro pra conseguir essas ferramentas, que era uma parceria, então era meio que 50 e 50, mas exatamente não. Até hoje eu não sei, na verdade. Gostaria de saber.

Orador A: Quais foram as ferramentas que você mais utilizou?

Orador B: Do Google o Gmail, principalmente, o Youtube, o Classroom, o WhatsApp e os periféricos, celular e notebook. Eu sempre tive os dois, então eu usei os dois, eu fazia gravações de tela também pra ajudar alguns estudantes e alunos. Então eu fui descobrindo algumas ferramentas, assim, fora dessas que a própria escola, Secretaria indicava, pra gravar tela, pra fazer pesquisa, pra baixar conteúdo, etc.

Orador A: Certo. Você recebeu algum tipo de formação da Sede ou da Google pra atuar?

Orador B: Então, eu posso dizer que sim e não. Sim, porque, como eu já tinha dito anteriormente, a Sede preparou uns tutoriais pra que a gente pudesse mexer nessas ferramentas todas, colocou na conta deles do Youtube e divulgou esses links, esses vídeos. E não porque, enfim, tutoriais a gente encontra pelos montes pelo Youtube, só que como mexer exatamente não. Assim, eu tive um pouco de dificuldade, mas porque eu sabia mexer bastante, sempre mexi, então imagino assim que para aqueles que não tinham tanta familiaridade esses tutoriais não serviram de nada. Tanto é que eu acho que eu fiz por umas duas, três vezes, eu marquei um horário na escola presencialmente pra fazer aulas para os professores, não para os estudantes, para os professores e coordenadores de como eles iam mexer nessas ferramentas. Como postar uma atividade no Classroom, por exemplo. No segundo ano de pandemia a gente já tinha essas ferramentas, mas os professores, mesmo com os tutoriais, não sabiam como fazer, até porque eles ensinavam o básico, a ferramenta é bem complexa pra quem nunca mexeu com nada disso, então sim e não.

Orador A: Como você avalia o trabalho dos envolvidos mediado pelas plataformas ou não, aquele que foi entregue como, por exemplo, você citou as APC?

Orador B: Eu avalio como teste. O que nós fizemos nesse tempo todo foi um trabalho burocrático, não pedagógico. E é interessante como trabalho burocrático sempre se sobrepõe sobre o pedagógico. Eu trabalho em uma escola de tempo integral e trabalho burocrático nessas escolas, principalmente nessas escolas que são visadas pelo projeto de escola integral, o trabalho burocrático excruciante, vamos dizer assim. Aí, no período da pandemia, ficou muito claro. A gente cumpriu um trabalho burocrático, mas eu imagino que o rendimento, a aprendizagem do aluno foi perto de zero, vamos dizer assim. E aí a gente vê que na verdade a educação é sempre mediada é uma obviedade que a gente sabe, né, pra quem fez licenciatura, pra quem estuda educação e tal. E aí, enfim, as instituições acreditaram que era possível que esse trabalho continuasse sendo mediado durante uma pandemia, sem a presença de professores suplentes, mas não teve. A minha avaliação foi que nós fizemos um trabalho burocrático, aprendemos com ele, mas pedagógico nenhum.

Orador A: Quais as principais dificuldades encontradas?

Orador B: No meu caso mesmo foi mais psicológico mesmo, como gerenciar a saúde mental no meio de tudo isso. A parte tecnológica eu não tive dificuldade porque sempre tive curiosidade em mexer com essas ferramentas, etc. E aí, caso eu não soubesse de alguma coisa ou outra, eu via um tutorial e pronto, então não tive dificuldades. Os maiores perrengues, assim, foram na parte da saúde mental mesmo, como é que nós íamos lidar com o terror de uma pandemia. Antes a gente já havia estudado algumas pandemias mundiais, elas tinham sido horrorosas, assim. A gente imaginou, assim... eu imaginava o tempo todo que eu encostando a mão em um lugar ou outro eu já, sei lá, estava decretado pra morrer. E aí a dificuldade foi o psicológico mesmo. Mas, como eu disse, a gente tinha condições econômicas de procurar um psicólogo, psiquiatra, etc. A gente já vinha em tratamento, etc., mas a maior dificuldade foi justamente essa, como sobreviver e trabalhar, tudo ao mesmo tempo.

Orador A: Existe algum aspecto positivo que você gostaria de destacar?

Orador B: Puxa, é difícil. Assim, eu aprendi muito com esse período, tanto em relação a mim mesmo como em relação à situação da escola. Alguns professores batem cabeça até hoje, assim, e não acreditam que as questões psicológicas influenciam tanto na aprendizagem. Eles continuam acreditando que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu sempre acreditei nisso, até porque eu já fui estudante, enfim, eu sei como é a realidade. E eu acho que aspecto positivo dessa questão toda é, primeiro, como a tecnologia é presente, como ela é importante e que, querendo ou não, a gente precisa saber lidar com ela de uma maneira produtiva, não simplesmente achar que ela não ocupa mais espaço, não deveria ocupar espaço. E outro ponto positivo também foi, assim, como é interessante a realidade de pessoas tão diferentes dentro de um mesmo espaço. Como eu dou aula numa escola só, nessa escola eu já estou desde 2016, 2017, eu conheço bastante a realidade de quem frequenta a escola. E, durante essa pandemia, os alunos se mostraram bastante, assim, em relação às condições. “Ah, professor, eu não tenho internet em casa” ou “Eu tenho que dividir o meu telefone com o meu irmão” ou “O telefone que eu uso pra fazer as atividades é o telefone da minha mãe, aí eu tenho que esperar ela chegar do trabalho oito, nove horas pra poder começar a estudar”, então... e aí a gente vê que essas coisas continuam no presencial. A realidade deles continua, assim, difícil, enfim, mesmo voltando ao presencial. Então eu acho que aspecto positivo é dizer que tudo o que a gente lia em teoria está acontecendo prática, como PE que a nossa saúde, como é que a nossa condição social e econômica influencia naquele espaço pequeno que é a escola.

Orador A: Durante a pandemia aconteceu alguma situação que você gostaria de relatar?

Orador B: Olha, a gente sempre tende a pensar nas situações mais negativas. Os estudantes que não voltaram, porque eles aproveitaram esse momento pra trabalhar, então como a escola é integral e a gente debate muito sobre a questão do trabalho, eles precisam sair da escola pra poderem trabalhar, porque eles ficam lá das sete e vinte até às dezesseis e vinte, então nós perdemos alunos por conta do trabalho, eles perceberam, começaram a trabalhar, começaram a ganhar e viram que aquilo ali, do ponto de vista deles, era bom, então nós perdemos alunos muito bons, inteligentes por conta da condição econômica deles. Muitos estudantes na volta, enfim, ou até mesmo durante o período online mandavam mensagem dizendo que começaram a fazer terapia porque eles realmente não estavam suportando isso de ter que ficar em casa, etc. pais e mães também começaram a procurar terapia, enfim. E casos, assim, de famílias... a minha escola eu acho que todo mês preparava cesta básica pra entregar pra essas famílias, porque até hoje tem casos de estudantes que estudam na escola integral por conta do lanche, do almoço, já que eles têm três refeições na escola, então muitos alunos estudam somente por conta dessas alimentações. E aí eu recebi muitos casos de pais entrando em contato perguntando sobre essa ajuda, sobre essa cesta básica. E aí olhando pra eles não dá pra ter muita noção do que eles passam, economicamente falando, se eles não comentarem nada. E aí, durante essa pandemia, muitos alunos, assim, que eu tinha contato diariamente, enfim, o pai e a mãe deles vinham perguntar se tinha alimento ou não, porque eles precisavam deles. Muitos casos de morte, de emprego, de demissão, etc. Então eu tive que aprender um processo muito doloroso, assim, a separar o profissional do emocional, principalmente na escola. Então, enfim, devo EME lembrar de um estudante ou outro que passou por todas essas situações e... enfim, a gente imagina que elas existem, mas elas acabam acontecendo com alunos que são nossos, a gente acaba tendo uma reação diferente, vamos dizer assim, por conhecer o rosto deles.

Orador A: Ficou algum resquício do trabalho remoto pro trabalho agora presencial?

Orador B: A maldita APC continua, então no período dos jogos eles, enfim... tem a APC. Antes a gente dava aquelas aulas programadas junto deles mesmo depois que eles voltassem, enfim. Agora a APC continua, essas reuniões, como eu disse pra você, formações continuadas que eram de extrema importante serem presenciais, elas continuam online. As reuniões com a Sede... eu acho muito interessante porque antes a gente tinha a possibilidade pelo menos de questionar eles ao vivo sobre algumas questões, agora existe aquele... “dez minutos, a gente vai abrir pra questões”, acaba não respondendo quase ninguém, então é meio que um subterfúgio conivente pra eles. Então os resquícios foram esses, algumas ferramentas mais... como eu posso te dizer? Mais baratas, elas continuavam, principalmente o uso de ferramenta de áudio e vídeo. E eu acho que uma questão de saúde mental ou outra. Durante a pandemia eu tive tendinite, eu tive que fazer fisioterapia, etc., então uma hora ou outra ainda dói pelo uso excessivo do computador. Essas atividades programas, as reuniões online. Que mais? Eu acho que isso, as principais.

Orador A: A gente tem um minuto. Eu vou encerrar e aí a gente abre de novo pra eu fazer duas últimas perguntas pra você que são sobre o avanço das TICs na educação, pra educação e pro trabalho do professor. Os filósofos falam mais. Rapidinho, já retorno com você. Vai dar uns cinco minutos pra ele virar áudio e aí eu salvar na pasta e criar outra sala.

Orador B: Tá bom.

...

**Fim da Transcrição [00:36:48]**

**Gravação: entrevista\_5\_weslem\_parte\_2**

**Duração: [00:12:56]**

|  |  |
| --- | --- |
| **Legenda** | **Descrição** |
| (comentário aqui) | Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas). |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde se inicia uma fala. |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza. |
| ahãm, uhum | Interjeição de afirmação, concordância. |
| hã | Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão. |
| Orador A | Entrevistadora |
| Orador B | Weslem |

**Início da Transcrição [00:00:00]**

Orador A: Vou começar. A gente parou na pergunta, é, se tinha ficado algum resquício. Eu acho que você terminou. Você, você—

Orador B: Terminei, ahãm.

Orador A: Aí, é, considera que as tecnologias de informação e comunicação se constituem em um avanço para a educação?

Orador B: Não. Eu acho assim: hã, elas existem principalmente para cumprir, é, como é que eu posso dizer, esse protocolo de, em que existe na teoria somente alguns educadores que a tecnologia pode auxiliar na educação, né. Então é, eu acho que é o mesmo que perguntar, enfim, se o quadro branco representa um avanço para educação em relação ao quadro negro, né. É, nós podemos pensar que sim, né, mas enfim. É, no que ele influencia em relação à educação? É uma outra questão, né. Então a existência das TICs, elas não representam por si só um avanço, né. Elas existem, elas estão na escola, é, só que ainda falta, hã, o mais importante que é o aparato estrutural das escolas, né. Escolas com estrutura, é, disponível para tecnologia são exceções, né. Principalmente, não sei em outras regiões, mas principalmente que no Estado eu já trabalhei em escolas de centro e de periferia e as realidades são muito diferentes, né. É, e, e eu acho que a existência delas e a, a grande questão é que as instituições das quais as escolas são submetidas, elas recebem muito as exigências de que os professores, a escola de maneira geral, precisam trabalhar com as tecnologias, né, elas são dadas, de uma certa forma, mas, hã, não de maneira satisfatória, né. Está, está muito longe de ser satisfatória, na verdade, né. Até porque, é, não existe formação para os professores em relação a essas tecnologias, é, não existe tempo, é, na carga horária dos estudantes para que eles sejam educados a como mexer com essas tecnologias, né. Então durante a pandemia a gente viu que muitos alunos não sabiam como criar uma conta de e-mail, não sabiam como enviar e-mails com anexo, hã, não sabiam enviar o mesmo e-mail para várias pessoas diferentes, né. É, na escola eu já vi alunos, assim, que não sabem como se liga um computador, então, como se faz pesquisas em ferramentas como o Google, por exemplo. Então a, fica sempre muito a cargo de quem está nessas escolas, né, cabe muito à boa vontade de quem está lá. E não deveria ser assim, né, porque a, essa questão, ela não é uma questão moral, individual. Né, é uma questão pedagógica, hã, importante, né. Então o avanço das TICs pode existir, mas só se existir primeiro, antes de tudo, é, estrutura, né, e formação. Até porque, é, talvez os professores, por exemplo, ainda não saibam que existe, é, uma ética voltada somente ao uso das tecnologias, né. Ou até mesmo como mexer com elas, né. É, não existe estrutura física, por exemplo. É, a secretaria não pode dizer que uma escola é bem paramentada se ela tem, sei lá, 20 projetores, se os professores não sabem como mexer com eles, se eles não têm tempo, por exemplo, para montar esses projetores em sala de aula. Então a, é, não basta entregar essas coisas e enfim, né. Eu já, eu passei eu acho que por dois, dois anos pagando a internet que eu usava na escola, né. É o clichê pagar para trabalhar. E isso, eu sei que essa é a realidade de muitas outras escolas, né. É, agora tem uma rede na escola que não é mais paga por mim, é paga pela própria escola, enfim, mas essa rede não comporta a quantidade de gente que tem lá. Então, é, eu, eu vejo assim, as pessoas que são muito otimistas com a tecnologia, com as TICs, enfim, de uma maneira geral, é com muita preocupação, né. Porque não basta que elas existam, é, elas precisam ser transformadas em ferramentas de fato. É, é isso (riso).

Orador A: E com relação ao trabalho do professor, se você considera as TICs um avanço para o trabalho do professor.

Orador B: É, eu acho que é a mesma questão, ela fica muito dependente da boa Vontade do professor, né. Porque, por exemplo, é, eu utilizo tecnologia nas minhas aulas, mas porque eu durante a minha vida toda tive boa vontade para aprender. Isso quer dizer o quê? Que eu usei, é, uma carga horária que não era a carga horária de trabalho para aprender: em casa, nos finais de semana, etc. É, e é por isso que hoje eu consigo utilizar a tecnologia na minha aula. Mas por exemplo: eu sou um professor de Filosofia, eu tenho 50 minutos por semana. Entre usar o quadro branco e um projetor, eu prefiro usar o quadro branco, porque o projetor, enfim, ele precisa ser buscado, ele precisa ser levado, e assim cronometrado eu perco muitas vezes 17, 20 minutos. Só para montar aquele “trem”, né. E às vezes ele não dá certo. Então depende muito da boa vontade. Mesmo, né. Eu, assim, é, dentre os meus planos e metas tem a de adquirir um projetor para mim, que seja pessoal, para poder utilizar. Mas eu já dei aulas em escola que, é, a direção, é, como que eu posso dizer? Aconselhou os professores a não utilizarem os próprios projetores porque isso não ficava registrado como uso do projetor na escola. Então assim, a escola queria mostrar que os professores utilizavam a tecnologia, mas é só a tecnologia que era registrado, que era documentado que podia ser utilizado. Então, é, chega a extremos desse tipo, né. Você não pode utilizar uma ferramenta sua porque ela não vai constar para a escola, né, então é como se a escola não utilizasse tecnologias. Então se você tem uma sua, não utilize, utilize somente a da escola. E, e a gente sabe que as tecnologias que existem na escola, elas não são das mais avançadas, nem das melhores. Então, é, representaria um avanço, mas um avanço individual, né. É, é aquela coisa assim, de premiar professores individualmente falando pelo trabalho que eles fazem por boa vontade, né. Mas, é, isso não quer dizer que a escola ou a secretaria, é, ofereceu para esse professor uma estrutura adequada. Não, de maneira nenhuma. Ele próprio utilizou o tempo dele, que não era o tempo de trabalho, para aprender coisas assim, né. Ou ele usou o planejamento para pedir para um outro professor uma dica “X”, etc. Né, eu tenho, é, e-eu faço muito lá na escola isso de, é, de mostrar como, é, como cria formulários, por exemplo, no Jotform ou no próprio Forms, para criar uma aula diferente para outros professores. É, como mexer, por exemplo, em criação e edição de vídeo. É, como mexer no Canva, é, assim, eu já baixei inúmeros filmes, e séries, e episódios para outros professores, é, transmitir na, na aula, porque enfim, eles não sabiam nem onde procurar essas coisas todas. Então, assim, depende muito da boa vontade do professor. Só que boa vontade do professor, é, para mim, pelo menos, ela não pode ser nem, é, quantificada, nem qualificada, né. Não pode dizer que por exemplo, é, a secretaria tem bons professores porque eles têm vontade, é, boa vontade em aprender. Não, ela tinha que dar estrutura suficiente para que todos os professores, é, aprendam e utilizem. Então eu penso assim, que o avanço das TICs para os professores, ela foi só individual, né. Só que eu penso assim, que é, para a ciência da educação, ela não pode ser levada em consideração, vamos dizer assim.

Orador A: Weslem, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

Orador B: Eu acho que não, eu acho que a-a, eu acho que o questionamento em relação a isso tudo, e a principal questão, vamos dizer assim, é que a, a educação, ela continua ocupando esse espaço pálido, né. É, é uma estrutura frágil. E, e o grande, assim, muita, muita gente ficou muito assustada, assim, como a educação chegou depois de uma pandemia, né, só que ela já, já demonstrava, assim, m-muito disso muito antes, né. É, eu falo assim: eu tive muita empatia com os estudantes porque eu lembrei muito do meu período de estudante, né. Eu só fui ter um computador em casa, como o meu mesmo, na época, depois da faculdade, né. Eu vim de uma família de periferia mesmo. E como era difícil lidar, né, e, e numa época, assim, que a tecnologia, ela não era tão massificada assim. Coisa de 15 anos atrás. E hoje em dia, como a, a tecnologia, ela é muito massificada, né, nos celulares, nos computadores, enfim. É, por exemplo, as lan houses não existem mais, é, porque hoje em dia os celulares e os computadores estão em casa, né. Se tornou muito mais fácil, vamos dizer assim. Só que ao mesmo tempo a gente percebe que a tecnologia é elitizada, né. Então dizer que: “Olha, nós temos uma ferramenta que vai revolucionar a educação”. É, por enquanto isso não vai acontecer, porque a tecnologia é elitizada, né. Falta o acesso, se você tem o acesso, falta o, o conhecimento do manuseio. E os professores passam pela mesma situação. Então eu acho que o principal é, é justamente isso, né, a-a tecnologia, ela mostrou, é, muitas das distâncias que a gente tem que enfrentar todo dia na educação. Acho que é isso.

Orador A: Está bem, muito obrigada. Eu vou encerrar aqui a, a gravação.

Orador B: Tá bom.

**Fim da Transcrição [00:12:56]**